

ÍNDICE PORTO página 2. UP página 6. CULTURA página 10. PAÍS página 12. CIÊNCIA E TEC página 14. DESPORTO página 16.

## Elisa Ferreira desiste de Bruxelas se ganhar a Câmara do Porto página 2



# Elisa Ferreira desiste de Bruxelas se ganhar a Câmara do Porto

Ana Margarida Pinto - [jpn@icicom.up.pt](mailto:jpn@icicom.up.pt)

*Candidata socialista ocupa o quarto lugar na lista do PS ao Parlamento Europeu. Especialista fala em candidatura “fantasma”.*

Elisa Ferreira adiantou ao JPN “que desiste do cargo no Parlamento Europeu se for eleita para a Câmara do Porto”. A candidata do Partido Socialista (PS) à Câmara do Porto ocupa o quarto lugar na lista do PS às próximas Europeias, uma posição elegível, uma vez que, de acordo com as sondagens, o PS poderá eleger onze deputados. Para a eurodeputada não é possível conciliar os dois cargos, uma vez que a Câmara do Porto lhe vai exigir “a máxima dedicação”. Confrontada com o exemplo de Francisco Assis - deputado europeu e candidato socialista derrotado por Rui Rio nas autárquicas de 2005 - a candidata diz ainda não acreditar que o cargo em Bruxelas a possa prejudicar na corrida pela autarquia: “O

meu lugar na lista do PS é um reconhecimento do meu trabalho, é um sinal de prestígio”, destaca.

Segundo André Freire, especialista em Sociologia Política, Elisa Ferreira “é uma candidata fantasma ao Parlamento Europeu”. “Se a Elisa Ferreira se candidata a um cargo que pode não ocupar, é uma candidata fantasma. Está a garantir um cargo no caso de não ser eleita para a Câmara do Porto”, sublinha André Freire ao JPN.

“A candidatura a vários cargos tem sido uma tendência. Não é apenas a Elisa Ferreira...a Ana Gomes [candidata socialista à Câmara de Sintra] está na mesma situação”, afirma o politólogo.

André Freire considera que a candidata do

PS integra a lista “pelas provas dadas que tem” e não apenas para obedecer às quotas de género, que exigem mais de um terço de mulheres na lista.

Ao cabeça de lista, Vital Moreira, seguem-se Edite Estrela, Capoulas Santos, Elisa Ferreira e o ex-ministro da Saúde, Correia de Campos.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/13/>

Elisa Ferreira ocupa o quarto lugar na lista do PS ao Parlamento Europeu



# Porto: Mais limpeza nas ruas da Ribeira deixa comerciantes satisfeitos

Mariana d'Orey - [jpn@icicom.up.pt](mailto:jpn@icicom.up.pt)

*O acordo entre a Associação de Bares da Zona Histórica do Porto e a Câmara Municipal do Porto prevê a contratação de moradores desempregados para a limpeza da zona ribeirinha.*

Algumas das principais artérias da Baixa portuense vão passar a estar mais limpas já a partir do próximo mês. O protocolo assinado entre a Associação de Bares da Zona Histórica do Porto (ABZHP) e a Câmara Municipal do Porto (CMP) na quinta-feira propõe a contratação de seis desempregados da freguesia de S. Nicolau para a “varredura manual, lavagem, esvaziamento de papeleiras, remoção de dejectos caninos e reposição de sacos nos dispensadores em todos os arruamentos constantes da área”.

Entre os proprietários dos vários estabelecimentos da Ribeira do Porto, a satisfação é geral. Donos de restaurantes, lojas de artesanato e bares concordam que esta iniciativa pode ser um bom contributo para a revitalização da Ribeira.

Quando interrogada sobre o assunto, Elvira Basília, proprietária da loja “Portosigns”, diz mesmo que “a limpeza das ruas não pode ser boa, pode ser óptima”. Também Esperança, proprietária de uma loja de artesanato, fala sobre o actual estado das principais artérias do centro histórico.

“As ruas estão muito sujas, os cães fazem necessidades e ninguém as limpa e, claro, isso afugenta os clientes”, lamenta.

Ao JPN, Olga Falção, dona do bar “o Falção”, lembra que “há muita gente que tem a ideia de que a ribeira é um sítio muito feio e sujo”. Por isso, “a limpeza é muito boa porque chama mais gente à zona e porque emprega algumas pessoas”.

Pessoas essas que, na opinião de Manuela Azevedo, proprietária de um estabelecimento na Praça do Cubo, “andam aí sem fazer nadinha”. “As miúdas novas recebem o rendimento mínimo e andam aí a gastar o dinheiro onde não devem, é muito

bom que as metam a trabalhar a limpar as ruas”, remata.

## “Espelho da cidade” mais limpo

O plano de limpeza da zona ribeirinha nasceu de uma proposta da ABZHP, que chegou às mãos do vereador do ambiente, Álvaro Castello-Branco, há cerca de 15 dias. Encarada pela autarquia como uma iniciativa “fantástica”, foi oficializada na quinta-feira, e prevê uma intervenção entre a rua Gustavo Eiffel e a rua da Reboleira.

O projecto propõe que os seis responsáveis pela limpeza e manutenção da zona ribeirinha sejam actuais desempregados, moradores na freguesia de S. Nicolau. Esta selecção tem como principal objectivo “chamar a atenção da vizinhança, para que haja mais civismo, mais limpeza”, explica António Fonseca, presidente da ABZHP.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/13/>

Desempregados da freguesia S. Nicolau são desafiados a limpar as ruas da Ribeira



Foto: Alice Barcellos/Arquivo JPN

PORTO

# Sá da Bandeira: Vende-se teatro centenário por 5,5 milhões de euros

Ana Margarida Pinto - jpn@icicom.up.pt

*A sala de espectáculos mais antiga da cidade do Porto está à venda desde Dezembro de 2008. Proprietários do teatro pedem 5,5 milhões de euros.*

Em Dezembro de 2008 foi afixada na fachada do Teatro Sá da Bandeira (TSB) o anúncio de venda da sala, um exclusivo da imobiliária Kendal & Associados.

“O teatro pertence a uma família e os herdeiros, que já são bastantes neste momento, decidiram pôr o teatro à venda. Já há alguns anos que pensavam nisso”, esclarece José Luís Kendal, proprietário da Kendal & Associados (K&A), ao JPN.

A decisão da venda foi influenciada pelo “grande número de donos” e pelo facto de serem cobradas aos inquilinos rendas antigas, o que “traz uma rentabilidade muito pequena para os proprietários”, justifica. Os 5,5 milhões de euros exigidos pelos proprietários do teatro são “justos”, salienta José Luís Kendal. O responsável avança que já três empresas se mostraram “mais interessadas, pedindo plantas e áreas”.

Segundo José Luís Kendal, uma das empresas pretende transformar o TSB num “hotel design”, enquanto que outra tem em mente um projecto que, para além de “aproveitar parte do teatro”, envolve a criação de “galerias comerciais”.

O edifício está classificado no Plano Directivo Municipal (PDM), o que faz com que a fachada do edifício tenha “de ser mantida”. É, no entanto, “possível aumentar mais um piso”, acrescenta o proprietário da K&A. José Luís Kendal lamenta que a “sala de espectáculos mais antiga do Porto” possa “desaparecer”, mas a verdade, acrescenta, é que “está muito degradada”.

O JPN tentou falar com o director do Teatro Sá da Bandeira, Manuel José Ribeiro, mas não obteve resposta em tempo útil.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/07/>

Teatro pode ser transformado num “hotel design”



Foto: Andreia Azevedo

# SEA LIFE: “O Porto e a região norte já mereciam um equipamento desta natureza”

Verónica Pereira - jpn@icicom.up.pt

*Os 31 aquários do oceanário já estão em construção para acolher cerca de 5600 peixes, de cem espécies diferentes. Abertura está prevista para Junho.*

A partir da segunda semana de Junho, data prevista para a abertura do SEA LIFE Porto, miúdos e graúdos vão ter a oportunidade de ver e até interagir com diferentes criaturas marinhas e de água doce.

São cerca de 5600 peixes de 100 espécies diferentes, desde tubarões, camarões, estrelas do mar, polvos, etc, distribuídos pelos 31 aquários, que estão já a ser construídos, junto ao Castelo do Queijo.

O maior, que irá acolher tubarões, raias e outras espécies, terá 600 mil litros de água e cerca de seis metros de altura. Ao todo, poderão ser apreciadas cinco espécies de tubarões no oceanário - tubarão de pontas pretas, tubarão enfermeiro, tubarão zebra, tubarão epaulette e tubarão cornudo.

“Existem várias salas, cada uma das quais recriando um ambiente particular e o es-

paço ideal para observar as espécies que aí são recriadas, alimentando ao mesmo tempo o imaginário e fantasia dos nossos visitantes, independentemente da sua faixa etária”, refere Ana Torres, da Merlin Entertainment, empresa organizadora.

## Elementos míticos do Porto

O espaço, que terá ligação ao parque da Cidade, irá reproduzir também alguns dos elementos simbólicos do Porto, desde os socalcos das encostas do Douro, à ponte D.Luiz, passando pelos barcos rebelos ou as fachadas dos edifícios da Ribeira.

“O Porto e a região norte do país já mereciam um equipamento desta natureza”, acrescenta Ana Torres ao JPN. A escolha da cidade para acolher o SEA LIFE - oceanário presente em vários países por todo o mundo - prendeu-se também com o “potencial que a cidade do Porto apresenta”, evidenciado através de estudos realizados

pela empresa.

## Preços e actividades

Com um investimento de 10 milhões de euros nesta primeira fase, a viagem pelas profundezas, desde a nascente do rio Douro até ao oceano Atlântico custará aos adultos 10,95 euros. Para as crianças até aos 12 anos e seniores com mais de 55 anos, o bilhete será de 8,20 euros.

Para além da interacção física, os visitantes terão ainda a oportunidade de participar em projectos de estudo e observação de comportamento de espécies, alimentação diária dos animais, concursos e workshops.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/II/>

Cerca de 5600 peixes  
poderão ser vistos no  
SEA LIFE





Foto: Ana Maria Henriques

# Mário João Monteiro: “O Sol ainda continua a ser enigmático”

*Em mais uma conversa inserida no ciclo “UP sob Investigação”, o JPN apresenta o astrónomo que coordena o Centro de Astrofísica da UP. Uma conversa “galáctica” à volta do Sol e das estrelas.*

Professor na Faculdade de Ciências e Presidente da Direcção do Centro de Astrofísica da Universidade do Porto (CAUP), membro das sociedades Portuguesa e Europeia de Astronomia e da União Internacional de Astronomia, Mário João Monteiro é, sobretudo, um apaixonado pelas estrelas. Em mais uma entrevista inserida no ciclo , o astrónomo explica o projecto que o CAUP desenvolve em parceria com a NASA e aponta a busca de planetas semelhantes à Terra como um dos grandes desafios da Astronomia actual.

**JPN:** Com uma carreira tão preenchida, ainda tem tempo para observar as estrelas?

**MJM:** É preciso arranjar tempo! Hoje em dia, com a parte de administração, os investigadores acabam por ter um tempo mais reduzido para a investigação. Mas o tempo vai dando, nem que seja ao fim-de-semana. A investigação continua a ser a motivação para estar na profissão que estou.

Como surgiu a ligação com a Astronomia?

No secundário não tinha preferências bem definidas. Quando se tratou de escolher a licenciatura, descobri uma nova, no Porto, em Física e Matemática Aplicadas, com vertente de Astronomia. Acabei por achar que, se calhar, seria interessante. A partir daí já nunca mais mudei a minha opção. A Astronomia é uma área científica que aparece no meio da Matemática e da Física e dá-nos a vantagem de facilmente podermos ligar as duas e explorar mais um bocadinho, que é a parte divertida.

Que tipo de trabalho realiza no CAUP, ao nível da investigação?

A minha área de trabalho é a estrela. No CAUP temos uma equipa de origem e evolução de estrelas e planetas, que está centrada em estudar o processo de formação

de estrelas e planetas - porque eles formam-se juntos -, e depois a sua evolução, ao longo da vida. A minha área específica de trabalho é a astro-sismologia, precisamente para estudar o interior das estrelas.

O que é que se descobre, concretamente, no estudo da astro-sismologia?

Nós queremos perceber como é que as estrelas se formam, que é um problema ainda em aberto em Astronomia. Ainda não percebemos muito bem como é que as estrelas, por exemplo, chegam a ter uma certa massa. E como é que chegam à parte da formação, da estrela bebé até à estrela adulta. No caso do Sol, como é que funciona, que mudanças sofre. E, ao estudar estrelas parecidas com o Sol, estamos a desenvolver o nosso conhecimento para perceber como é que o Sol evolui. Depois, comparamos as consequências com as observações que temos e concluímos quais os modelos mais adequados e o que é que isso significa em termos de previsões para o nosso Sol.

Com esses estudos, o que apreendeu sobre o “nosso” Sol?

O Sol, nos 30% [mais] perto da superfície, tem um processo a que nós chamamos de convecção: o gás anda às voltas e é isso que transporta o calor cá para cima. Este assunto está na moda porque a sociedade humana cada vez depende mais da tecnologia, que é cada vez mais sensível ao clima espacial. A actividade do Sol tem um impacto directo na sociedade. Perceber um pouco melhor o processo de transporte de energia vai-nos permitir, de alguma forma, clarificar e prever o clima espacial. O nosso Sol ainda continua a ser um bocadinho enigmático. Aquilo que fazemos é tentar melhorar o nosso modelo de estudo para termos capacidade de prever aquilo em que o Sol se vai tornar, a curto e longo prazo.

**“A investigação continua a ser a motivação para estar na profissão que estou”**

## “O CAUP tem sido um exemplo daquilo que uma instituição deve ser”

Em que consiste o projecto Kepler, em que o CAUP participa com a NASA?

O Kepler é uma missão espacial cujo objectivo científico é detectar outras “Terras” noutros sistemas planetários. O que o Kepler vai fazer é, durante três anos, olhar para uma centena de milhares de estrelas continuamente. O objectivo é encontrar planetas pequenos, sólidos como a Terra, que estejam suficientemente longe da estrela para poderem ser, eventualmente, capazes de ter vida. É o que nós chamamos procurar planetas na zona de habitabilidade. O que a NASA fez foi integrar um consórcio internacional liderado por europeus, no qual estamos envolvidos, para trabalhar no desenvolvimento de ferramentas que permitam classificar a estrela. O Porto está também envolvido no CoRoT, uma missão espacial francesa lançada em 2006, com o mesmo objectivo científico do Kepler, que é determinar planetas e estudar as estrelas. O que acontece é que, por ser uma missão mais pequena, é incapaz de encontrar “Terras”.

Como é estar envolvido em projectos da NASA e da Agência Espacial Europeia (ESA)?

Tanto a NASA como a ESA são instituições muito abertas, principalmente a ESA, porque precisa de uma comunidade científica fortemente envolvida para ter sucesso. O que nós temos feito no CAUP é construir equipas com massa crítica e capacidade de fazer trabalho reconhecido a nível internacional. O importante em termos de uma instituição é ter um grupo que sabe fazer algo bem feito e que é reconhecido internacionalmente. O CAUP também está numa posição favorável, visto que é a maior instituição de astronomia no país, em termos de número de investigadores. Já temos uma rede de colaboradores regulares. É sustentado nessa internacionalização que asseguramos a capacidade de participar em todas as missões da ESA.

A aposta em novos talentos é uma prioridade do CAUP?

Absolutamente. O CAUP tem três áreas de intervenção fundamentais: a investigação, a formação e a divulgação científica. Na parte da formação, aquilo que temos vindo a fazer é apoiar fortemente a formação de astronomia dentro da Universidade do Porto. Nós também crescemos dessa relação porque a UP é a única instituição portuguesa com uma licenciatura em Astronomia e todos os alunos de Doutoramento em Astronomia da UP têm o CAUP como instituição de acolhimento. As actividades realizadas aqui são organizadas no sentido de começar a formação de alunos.

O que é feito no Centro de Astrofísica a nível da divulgação da ciência?

O CAUP já tem divulgação desde a sua criação, em 1990. Mantemos uma equipa de pessoas totalmente dedicada à divulgação. Neste momento temos intervenção em três áreas específicas: o Planetário do Porto, cuja gestão científica é feita pelo Centro de Astrofísica; a Astronomia para as escolas, com actividades que vão às escolas, como um planetário portátil; e a Astronomia para o público, com um conjunto de actividades realizadas no CAUP para trazer cá o público, com workshops e conferências. Nós usamos os recursos humanos da parte da investigação para reforçar estas três intervenções a nível da divulgação científica. O CAUP tem sido um exemplo daquilo que uma instituição de investigação deve ser. Não basta fazer ciência; também temos que convencer o público de que é importante aquilo que fazemos.

(continue a ler a entrevista em: <http://jpn. icicom.up.pt/2009/04/09/>)

## Xutos & Pontapés celebram 30 anos na Queima das Fitas do Porto

Daniela Espírito Santo - jpn@icicom.up.pt

*Presença incontornável na Queima das Fitas, a banda promete “dedicação total” e um “espetáculo totalmente novo”.*

Os veteranos Xutos & Pontapés já têm lugar assegurado na Queima das Fitas do Porto 2009. A banda lisboeta sobe ao palco do Queimódromo a 7 de Maio, confirmando a tendência verificada ao longo dos últimos anos.

Num ano em que celebra trinta anos de carreira, os Xutos prometem muitas novidades ao público portuense. Em entrevista ao JPN, Zé Pedro, guitarrista e fundador da banda, mostra-se “entusiasmado” com a presença em mais uma edição de Queima das Fitas do Porto, referindo-se a esta como “um dos eventos mais importantes do género, em Portugal”.

No espetáculo, que promete ser “totalmente novo”, a banda irá tocar, “se não a totalidade”, pelo menos 10 novas canções, todas elas retiradas de “Xutos & Pontapés”, o álbum homónimo que assinala o trigésimo aniversário do grupo.

Por tudo isto, Zé Pedro perspectiva que a actuação no Porto “vai ser memorável”. Nesse sentido, estão asseguradas melhorias “a nível cénico”, em relação a actuações anteriores.

### Cartaz com mais novidades

Para além dos nomes já confirmados pelo JPN, juntam-se agora ao cartaz da Queima das Fitas portuense algumas novidades. A David Fonseca e Rui Veloso, ambos repetentes nas lides do Queimódromo, caberá abrir e fechar, respectivamente, a festa dos estudantes portuenses.

Logo na abertura da Queima, na madrugada de 3 de Maio, David Fonseca partilhará o palco com Rita Redshoes - que se estreia a solo três dias depois a 6 de Maio -, que o

acompanhou no concerto do ano passado. Já a 9 de Maio, Rui Veloso terá a responsabilidade de fechar o Queimódromo deste ano juntamente com os Per7ume, adivinhando-se um dueto para o single “Intervalo”.

Recorde-se a lista de nomes já confirmados para mais uma edição da Queima das Fitas do Porto: Skeezos, Blind Zero e David Fonseca (madrugada de 3 de Maio); Deolinda (4 de Maio); Rita Redshoes e Pedro Abrunhosa (6 de Maio); Klepht e Xutos & Pontapés (7 de Maio); Per7ume e Rui Veloso (9 de Maio). Buraka Som Sistema, Expensive Soul e Da Weasel são outros dos nomes falados para o cartaz deste ano.



Foto: JPR

# Breyner 85: Portas abertas à cultura na nova academia de artes do Porto

Joana Coimbra - [jpn@icicom.up.pt](mailto:jpn@icicom.up.pt)

*Novo espaço promove o ensino musical e oferece salas de ensaio, concertos, cafetaria e um jardim. Inauguração deverá acontecer nas próximas semanas.*

É precisamente no discreto número 85 da Rua do Breyner, em pleno centro do Porto, que se localiza esta espécie de “academia das artes””: o Breyner 85.

David Fialho é, a par de Rui Pina, um dos mentores de um projecto que começou a ser pensado em 2002. “Eu e o meu sócio, quando mais jovens, tínhamos uma banda, e apercebemo-nos de uma lacuna grave neste mercado da música: não havia salas de ensaio com qualidade e preços acessíveis”, explica David.

Entretanto foram surgindo, entre elas, a criação de uma cafetaria, de um estúdio de gravação, de uma galeria de arte e de uma loja de equipamentos musicais. O desenvolvimento de uma para encontrar “talentos de relevo no futuro” também está nos planos dos fundadores.

O propósito também é investir noutras áreas artísticas, para além da música. “Quando eu falo em arte, estou aberto a tudo. Também temos um pequeno atelier de dança e, no futuro, queremos ter aulas de expressão dramática”, diz David Fialho.

A casa, centenária, foi anteriormente o albergue das instalações do Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo (ISCET), que se encontra agora na rua de Cedofeita. Depois de um ano em obras, ultimam-se agora os detalhes finais da decoração, vincadamente retro, como é visível no café-concerto e na cafetaria.

Os próprios corredores e as paredes das salas funcionam como galeria de arte. David remata: “Acabamos por esticar o orçamento um pouco mais do que o queríamos, mas esta casa, de facto, caiu que nem uma luva nos nossos desígnios pela tipologia arquitectónica”.

## Música e solidariedade

O grande motor da vai ser a música. “As aulas vão ter essencialmente dois ramos condutores - um virado para o jazz e para o clássico e outro mais voltado para o pop/rock, funk”, acrescenta o responsável. O ensino é assegurado graças a algumas feitas com entidades britânicas.

Também os concertos vão ser uma aposta importante do Breyner 85. “Às quartas-feiras vamos começar a ter música ao vivo, só que em vez de fazermos como nos fins-de-semana, em que nos pautamos por valores já consagrados, vamos dar hipótese àquelas bandas que estão a começar”. A ideia é “tentar ver como está o panorama, local e regional, e tentar catapultar os valores mais interessantes para o estúdio”, salienta David Fialho.

A academia pretende, não só promover a cultura e reavivar os círculos sociais, mas ter também uma faceta humanitária.

“Queremos abrir espaços específicos para públicos carenciados, nomeadamente da terceira idade, e temos vontade também de encetar um espaço dedicado a crianças de famílias sem possibilidades financeiras”,

explica David Fialho, salientando a importância de “propiciar um espaço por um preço simbólico ou mesmo pro bono”.

O Breyner 85 é mais um espaço de incentivo à cultura numa rua em que, aos poucos, se vão fixando cada vez mais pessoas, contrariando a tendência de desertificação da Baixa do Porto. David atesta que “qualquer iniciativa que se prenda com estas actividades culturais, que, no fundo, vão promover a vida social, é boa, não só para reabilitar o tecido cultural, mas também o tecido económico, principalmente numa altura em que o investimento está retraído”.

O espaço vai ser inaugurado dentro das próximas semanas, mas os mais curiosos podem já passar nas instalações do Breyner 85 e conhecer esta academia.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/10/>

# Festivais de Verão: Música alternativa invade cartazes de norte a sul

Rita Oliveira e Daniela Espírito Santo- [jpn@icicom.up.pt](mailto:jpn@icicom.up.pt)

*Prodigy, no OptimusAlive, Primal  
Scream e Lamb, ambos no Festival  
Marés Vivas, são alguns dos  
nomes já confirmados na agenda  
de concertos para este Verão.*

A variedade dos festivais de Verão começa a revelar-se à medida que as confirmações vão surgindo. Da electrónica e do trip hop surgem agora alguns nomes consagrados que prometem atrair as atenções nos vários festivais que vão ter lugar em todo o país.

A norte, os Lamb e Primal Scream foram anunciados para o primeiro dia (16 de Julho) do Festival Marés Vivas, que decorre de 16 a 17 de Julho, em Vila Nova de Gaia. A confirmação foi dada pela rádio oficial do evento.

Depois de, em 2008, ter trazido a Portugal nomes como Peter Murphy, Sisters of Mercy e Riders on the Storm, o festival gaiense confirma a aposta “revivalista” em bandas consagradas, mas algo desaparecidas do mapa musical. Para a edição deste ano estavam já confirmados os Guano Apes (17 de Julho) e Colbie Caillat

(18 de Julho).

Mais a sul, os Prodigy marcam presença, a 10 de Julho, no Alive. Os veteranos britânicos prometem encher o palco com as melodias rasgadas a que já habituaram os amantes da música electrónica.

Nuno Vieira, da Everything is New, a promotora do festival, promete, “para breve”, mais detalhes do Festival que se vai realizar no Passeio Marítimo de Algés. “É uma questão de aguardar, em breve vamos anunciar mais novidades”, disse ao JPN.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/13/>

# Mirandês: Dez anos de uma “lhéngua”

Mariana Albuquerque - jpn@icicom.up.pt

*Uma década após o reconhecimento linguístico do mirandês, a regressão da fala e o aumento da escrita são algumas das conclusões dos estudiosos.*

O mirandês conquistou oficialmente os direitos linguísticos há dez anos, através da publicação, no Diário da República, da Lei 7/99 No ano em que a “lhéngua” falada nos concelhos de Miranda do Douro e Vimioso comemora uma década de existência, António Bárbolo Alves, investigador e escritor de mirandês, fala de uma evolução “claramente positiva.”

“Há factores para a preservação das línguas como a existência de um reconhecimento político e a existência de uma norma escrita que foram conseguidos pelo mirandês e só isso é extremamente positivo”, afirma o investigador. No entanto, António Bárbolo Alves, investigador e escritor de mirandês, fala de uma evolução “claramente

positiva.”

“Há factores para a preservação das línguas como a existência de um reconhecimento político e a existência de uma norma escrita que foram conseguidos pelo mirandês e só isso é extremamente positivo”, afirma o investigador. No entanto, António Bárbolo Alves considera que há aspectos para a vitalidade da língua que só podem ser avaliados a médio e longo prazo.

Amadeu Ferreira, presidente da Associação de Língua Mirandesa, afirma ao JPN que a

evolução do mirandês revela sinais contraditórios. “Do ponto de vista sociológico, o facto de ter sido aprovada uma lei do mirandês veio fazer com que as pessoas voltassem a ter orgulho na sua língua”, explica o investigador. Além disso, “foram feitas várias teses de doutoramento não só em Portugal como no estrangeiro”, completa. A “regressão da fala” é um dos aspectos que Amadeu Ferreira aponta como negativo no balanço dos dez anos de mirandês. “Penso que mais recentemente a juventude mas não me parece que sejam suficientes”, acrescenta.

## De “dialecto” a “segunda língua oficial portuguesa”

“No imaginário há uma hierarquia entre língua e dialecto, na qual o dialecto é menor do que a língua”, explica António Bárbolo Alves. A lei do mirandês “trouxe o reconhecimento político do idioma”, acrescenta.

José Meirinhos, membro do antigo Centro de Estudos Mirandeses da FLUP, considera que a Lei 7/99 é “erradamente descrita como a lei que tornou o mirandês a segunda língua oficial de Portugal”. “É um exagero. O que essa lei reconhece são os direitos linguísticos dos mirandeses, reconhece o direito de se dirigirem à administração pública escrevendo em mirandês, fazendo requerimentos em mirandês”, esclarece o docente.

Aproveitando a forte tradição oral da lín-

gua mirandesa, António Bárbolo Alves aos mirandeses, fazendo uso da “lhéngua”, que continuem a falar mirandês e que continuem a lutar como fizeram durante dez anos.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/12/>



FOTO: Foto: Reis Lima Quarteu

# Páscoa para os mais novos nos trilhos do Parque Biológico de Gaia

Claúdia Cruz, Marta Maia e Sónia Silva Sá- [jpn@icicom.up.pt](mailto:jpn@icicom.up.pt)

*Durante as férias da Páscoa, os jovens dos 6 aos 15 anos tiveram a oportunidade de transformar o Parque Biológico de Gaia num palco de actividades pascais.*

Arregaçaram as mangas e mãos ao trabalho. Entre roupas sujas, pulos, gargalhadas e bigodes de chocolate, realizaram-se as Oficinas de Primavera, no Parque Biológico de Gaia, entre 30 de Março e 3 de Abril e de 6 a 9 de Abril.

Uma mão cheia de actividades animou os participante, nos dias em que empenho e diversão foram as palavras de ordem. “Quem é o Horácio?”, “Onde está o coelhinho?”, “Ninho de Páscoa” e “Boca doce” foram os títulos das actividades que entusiasmaram as crianças.

Da culinária à alimentação dos animais, os mais pequenos tiveram a oportunidade, durante as férias da Páscoa, de explorar os encantos do Parque Biológico.

No final, e apesar do cansaço, a criançada estava com um sorriso de orelha a orelha, e a mesma frase estava na boca de todos: “Quando for grande quero ser tratador de animais”.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/13/>

As Oficinas de Primavera realizaram-se no Parque Biológico de Gaia



FOTO: Cláudia Cruz, Marta Maia, Sónia SA

# Manuel Lima: Ele ordena o caos da internet

Miguel de Azevedo Carvalho ljcc05065@icicom.up.pt

*Ganhou visibilidade através do site "Visual Complexity", no qual se dedica a reinventar o modo como vemos a realidade. Em entrevista ao JPN, Manuel Lima desvenda o porquê de ter sido eleito uma das 50 mentes mais criativas para 2009.*

Designer, tecnólogo, matemático, artista, "arquitecto de informação", «geek», "cartógrafo da arte" ou apenas - como o próprio se define - um "funcionalista perturbado pela estética". Em conversa com Manuel Lima, não é difícil imaginar títulos e desencantar definições. A última tem a chancela da prestigiada revista de design, publicidade e entretenimento que elegeu o português de 30 anos como uma das 50 mentes mais criativas para 2009, lado a lado com nomes como o fundador da Amazon, o estratega de Obama, os co-fundadores da Google e outros que "impuseram uma marca significativa na consciência criativa".

Nascido nos Açores, Manuel Lima trabalha

actualmente na Nokia em Londres e desenvolve o site Visual Complexity, projecto inovador onde se empenha na reinvenção e recolha de representações visuais de realidades como uma rede de transportes ou uma rede social. Por exemplo: em 2007, desenvolveu um mapa de Portugal recorrendo apenas a quadrados e rectângulos.

JPN: Começamos por traçar o mapa biográfico do Manuel. Nasceu nos Açores e vive agora em Londres. Pelo caminho passou por Lisboa, Copenhaga, Nova Iorque e Londres...

ML: Assim muito rápido: aos 18 anos saí de Ponta Delgada e fui estudar para Lisboa, tirei a licenciatura em Arquitectura

do Design na Universidade Técnica, depois, no final da licenciatura, fui para Copenhaga onde fiz um estágio académico de seis meses na empresa Kontrapunkt e aí conheci algumas pessoas que tinham amigos na Parsons School for Design em Nova Iorque, voltei para Lisboa e continuei a trabalhar, a por o meu currículo e o meu portfolio em ordem e candidatei-me ao programa de mestrado da Parsons. Consegui entrar, tive a felicidade de ter bolsas de estudo da Gulbenkian, da Fundação Luso-Americana e da própria Parsons. Fiquei lá três anos ao todo e depois vou para Londres e estou cá quase há três anos.

A "Creativity" distingue pessoas que "impuseram uma marca significativa na consciência criativa"



Como é que alguém que tem formação nas Belas-Artes, se foi interessar pela visualização de redes?

Uma das razões que me fascina na área da visualização de informação, e em particular das redes, é ser uma disciplina em que a arte e a ciência estão lado a lado. Há uma expressão fenomenal de um designer holandês que diz “sou um funcionalista perturbado pela estética” e sinto-me nessa divisão. Sempre fui altamente pragmático e o design tem que servir uma função, tem que resolver problemas. Sempre me segui por essa abordagem funcionalista no que diz respeito ao design. No fundo, sou um designer mas não me interessa muito por design, interesse-me por inúmeras outras áreas e isso reflecte-se no site que tem projectos de arte, sistemas de transporte, biologia, genética, evolução. Uma das coisas que me fascina nas redes complexas é tudo estar interligado, desde as células do nosso cérebro, as moléculas do nosso organismo, as redes de transportes altamente interligadas, nós próprios estamos interligados em vastas redes sociais. Ou seja, é um fenómeno comum, uma estrutura omnipresente e é isso que mais me fascina.

Acho que é justo dizer que adora mapas. De onde é que vem o fascínio?

Acho que os mapas são fenomenais no sentido em que conseguem incorporar

uma vasta informação num espaço restrito e, para além dessa enorme capacidade de compactação, os mapas são ou tentam ser uma língua universal. Um bom mapa é aquele que não está restrito a qualquer língua, salve legendas e algumas especificidades do mapa. Os mapas têm essa capacidade de transcender culturas. As pessoas dizem que a música é uma língua transcultural, acho que os mapas têm também essa particularidade.

O “Visual Complexity” nasce quando estudava na Parsons. Surgiu como «hobby», projecto académico, como prolongamento lógico desse interesse que já tinha pelos mapas?

O interesse nos mapas é bastante recente. O meu interesse inicial foi a visualização de informação e depois comecei a ver que a origem dessas novas disciplinas era a cartografia e comecei a apaixonar-me pela arte antiga de criar mapas e pela parte mais arcaica da visualização de informação. A compilação de projectos “Visual Complexity” surgiu enquanto estava a fazer a minha tese e, no fundo, estava a tentar compreender através da minha tese a visualização de informação na blogosfera. Sou só eu que trabalho no site, mas a maioria dos projectos não sou eu que os faço. O objectivo do site é estabelecer paralelos e comparações entre diversos métodos de visualização diferentes. É uma enciclopédia, uma compilação, de diversos projectos na área. E começam a surgir padrões interessantes através dessas comparações, como visualizar semelhanças entre o método de visualização de uma rede na área da genética de uma rede de transportes, etc. Esses paralelos é que são interessantes de analisar porque esta é uma área muito recente e falta alguma teoria, alguma standardização no próprio processo e o “Visual Complexity” começa a transmitir esse ordenamento.

(continue a ler a entrevista em <http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/13/>)

**“(...)sou um designer mas não me interessa muito por design(...)”**

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/13/>

O clube de Vila Nova de Gaia entrou em declínio a partir de 2005.

*Depois de um período “negro”, o Vilanovense parece querer recuperar o tempo perdido. Por enquanto, o clube está de volta à 1 Divisão da Associação de Futebol do Porto.*

Na época 2001-02, o Vilanovense Futebol Clube alcançava a melhor época da sua história, ao chegar ao décimo lugar na 2 Divisão, com uma deslocação a Alvalade para a Taça de Portugal, pelo meio. Seria o canto do cisne para o mais representativo clube de Vila Nova de Gaia que, a partir de 2005, entrou em declínio, com a sucessiva descida até aos campeonatos regionais.

A militar na 1 Divisão da Associação de Futebol do Porto, o Vilanovense parece ter virado outra página da sua história. Actualmente, surge no quinto lugar na tabela de qualificações da Série 1 da, mantendo-se na perseguição do líder, o Sport Progresso.

O presidente é apontado por muitos como o principal responsável pelo ressurgimento do clube. No comando do clube desde o fim da época passada, Jorge Marques explica que “tem sido um ano difícil”, em que se tentou “reorganizar o clube numa luta contra a instabilidade que o marcava”.

José Carlos Afonso, treinador da equipa sénior, elogia o trabalho do dirigente e acredita que ele contribuiu, mais do que para os bons resultados, para o “ressuscitar” do clube.

No comando da equipa há cinco semanas, José Carlos Afonso aceitou o “desafio” como forma de “ajudar o clube”. Embora ainda acredite na subida à Divisão de Honra, antevê uma tarefa “difícil”, pois não depende só dos resultados da sua equipa.

O técnico não gosta de fazer prognósticos. “Não há projectos no futebol”, diz, acrescentando que “o importante agora é fazer um bom final de época e devolver ao clube a honra perdida”, e “só depois pensar no próximo ano”.

Notícia com vídeo, áudio e imagem - <http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/13/>

# Vilanovense ressuscita após “queda livre”

**FICHA TÉCNICA** Director Rui Centeno. **Coordenador Geral** Fernando Zamith. **Coordenadores de Área** Helder Bastos, Helena Lima Isabel Reis, Pedro Leal, Sandra Sá Couto. **Chefe de redacção** Tiago Reis. **Chefe de Redacção Adjunto** Amanda Ribeiro, Ana Margarida Pinto, Melanie Antunes. **Redactores** Ana Maria Henriques, Ana Margarida Pinto, Cláudia Cruz, Daniela Espírito Santo, Mariana Albuquerque, Mariana d'Orey, Marta Maia, Miguel de Azevedo Carvalho, Rita Oliveira, Sónia Sá Silva, Verónica Pereira. **Coordenação Técnica** Tiago Reis. **Desenvolvimento Multimédia** Tiago Reis. **Técnicos de Audiovisual** Ricardo Fortunato, Liliana Rocha Dias. **Coordenação Gráfica** Bruno Giesteira, Cristina Fonseca, Emilia Costa. **Design Gráfico** Ana Gomes

# Consumo: Na hora de comprar, estudantes preferem marcas brancas

Marta Maia - [jpn@icicom.up.pt](mailto:jpn@icicom.up.pt)

*Não aparecem nos anúncios, mas quem as compra diz que a qualidade é a mesma das grandes marcas. Para os estudantes que estão fora de casa, as marcas brancas ajudam a equilibrar as contas no fim do mês.*

Texto corrido: Eram ainda poucos os que, às 18h30 do dia 4 de Dezembro, se juntavam na Praça Gomes Teixeira, no Porto. Foi uma das praças do Porto e Gaia de onde partiram marchas rumo à Praça do Infante, rumo à Praça do Infante, junto ao Palácio da Bolsa, o epicentro das comemorações do 11.º aniversário da classificação do centro histórico do Porto como Património Mundial.

Frente à reitoria da Universidade do Porto (UP), a tuna da Escola Superior Artística do Porto animava as cerca de 30 pessoas que ali se juntaram. Distribuíam-se chapéus com o slogan “Eu ImPorto-me”, lanternas

a 2,5 euros e autocolantes – as receitas vão servir para cobrir parte das despesas do movimento organizador, composto por 11 cidadãos.

Alguém ao telemóvel dizia “Estou na Baixa do Porto, na manifestação”. Não se tratava de uma manifestação (antes uma afirmação do orgulho de ser tripeiro, portuense e liberal, como sintetizou Carlos Magno, do movimento), mesmo que entre muitos dos que se acumulavam junto à Bolsa, pelas 20h00, para ver Rui Veloso, Pedro Abrunhosa e outros músicos, o tom fosse de protesto face ao estado do património.

“Eu, como nascida e criada cá [no centro histórico], fui uma das jovens que foi obrigada, ou convidada, a sair”, confessou ao JPN Isabel Penetraconfessou ao JPN Isabel Penetra, que já trabalhou na extinta Funda-

ção para o Desenvolvimento da Zona Histórica do Porto.

**Texto corrido - subtítulos**

Também Nuno Cardoso, ex-presidente da Câmara do Porto, criticou o “crime de lesa-património” que foi o “desmantelar” das estruturas que se ocupavam do núcleo histórico.

“Foi a falta de atenção, ao longo de seis anos [desde 2001], que levou ao ponto em que estamos. Estávamos no caminho correcto, tínhamos uma estrutura de profissionais (o CRUAB), tínhamos uma fundação para o centro histórico”, afirmou ao JPN o ex-presidente da câmara, Nuno Cardoso.

## Qimonda: Fábrica de Vila do Conde despede 600 trabalhadores

Miguel de Azevedo Carvalho - [ljcc05065@icicom.up.pt](mailto:ljcc05065@icicom.up.pt)

*Medida afecta todos os funcionários com contrato a prazo e cerca de 200 trabalhadores efectivos. Empresa anunciou ainda a suspensão de contratos de outros 800 trabalhadores.*

A Qimonda Portugal despediu, esta terça-feira, 600 funcionários e colocou em regime de “lay-off” (suspensão de contrato) outros 800 trabalhadores. O despedimento atinge os 400 trabalhadores que permaneciam com contrato, afectando ainda 200 efectivos.

Com estas medidas, “necessárias e que mantêm em aberto a possibilidade da unidade de Vila do Conde vir a integrar uma futura solução para o grupo Qimonda”, apenas se manterá em funções uma equipa de cerca de 200 pessoas. A estas caberá “manter a operacionalidade da empresa” e trabalhar na “procura de soluções de continuidade do negócio”, refere a Qimonda em comunicado.

Sem que ainda tenha surgido o investidor que a fábrica tanto precisa, a administra-

ção viu-se obrigada a dispensar força de trabalho. A decisão, que a Qimonda Portugal adiou por causa da Páscoa, não é vazia de responsabilidade. “A Qimonda Portugal está consciente das implicações sociais destas medidas”, lê-se no comunicado. “Nesse sentido, serão evitadas, dentro do possível, as cessações de contrato que afectem, por exemplo, os dois cônjuges, ou famílias mono-parentais com filhos a cargo, entre outras situações”, acrescenta.

[Texto integral em: <http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/14/>]